



**REDATOR PRINCIPAL**  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
**EDITOR — JOAQUIM CARDOSO**

Federação, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa • Telefone 5339 O.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# GREVES QUE SE PROLONGAM

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Títulos

Reconhece uma qualquer corporação operária, em dado momento, que os salários auferidos por cada um dos seus membros não bastam para custear os gastos cotidianos da vida. Nos países empobrecidos e decadentes estes factos verificam-se com frequência. Em Portugal, por exemplo, o que na primavera custa dez custará trinta no outono. E' evidente que os salários percebidos na primavera não chegam já no outono. As várias corporações operárias requerem, portanto, de tempos a tempos, um aumento do salário, proporcional ao aumento do custo da vida. Obrigam-nas as circunstâncias a proceder assim. A elevação de ganho que elas reclamam não vem melhorar-lhe as condições de vida. Venham apenas impedir que essas condições pioram e se tornem insuportáveis. De maneira que as corporações operárias, accostadas pela fome, reclamam de vez em quando aumento de salário. A reclamação é apresentada, sempre em termos correctos, quais humildes, aos donos das indústrias, aos senhores da terra. A maior parte das vezes a reclamação nem resposta recebe. E nos raros casos em que aos reclamantes é dada resposta, esta vem brusca, maledicida, irritante, e consigna um indeferimento brutal. Estas coisas disparam mal os assalariados. Os operários pretendem em regra estabelecer negociações para demonstrar a sua razão, na mira de alcançar um acordo pacífico. Os patrões, a certa altura, fecham-lhes a porta na cara, com uma inconveniência, quando não é com um insulto. Daí a greve, como uma consequência inevitável. O calor das assembleias engendra as resoluções heróicas. A verdade é que os operários temem a greve e só para ela recorrem em última instância, quando a sua dignidade lhes não permite enveredar por outro caminho. Em cada cem greves, noventa pelo menos são da responsabilidade exclusiva do patronato. Os trabalhadores vão empurrados. E' a conduta dos patrões que os leva ao abandono do trabalho. Depois é que tomam posições.

As greves às vezes prolongam-se, parecem eternizar-se. Dis-

põem os patrões de fartos cabedais, arrancados ao esforçado labor dos produtores, e com esses cabedais só mantêm. Já o mesmo não sucede a quem trabalha. Esses, os que labutam, logo na primeira semana em que se vêem privados de férias vêm surgir perante eles o espetro hediondo da fame. Mas resistem. A sua resistência prolonga-se, prolonga-se, e atinge às vezes os limites do inverosímil. Os patrões não entendem. Que farão os operários? Baimarem-se, nunca! A sua entrega, além de humilhante, além de vergonhosa, comprometeria ainda o seu futuro. Mas imaginemos que esta matuta irredutibilidade estende o conflito por meses e trimestres, a pontos de exgotar os recursos últimos da facção operária. Que fazer então?

Já por várias vezes esta hipótese se tem verificado. E duas dessas podem acontecer nesta emergência: ou perder-se o movimento, voltando ao trabalho os que o tinham abandonado, nas condições anteriores, por mórda extrema falta de recursos, — ou tentar tomar a greve um novo aspecto, caracterizado por todo aquele imenso desespero dos que lutam por mais pão e passam fome. Já tem sido observado este último caso em diversos movimentos. Impacientam-se os grevistas que até certa época esperaram exclusivamente do tempo a solução do conflito. E lembram-se de que várias outras armas possuem os operários para resistir à exploração burguesa. As eclosões violentas não são raras neste caso...

Decididamente, o prolongamento exagerado duma greve traz séus perigos. A pressão da miséria, apercebendo os indivíduos, impele-os para as acções energéticas. Nunca é bom deixar que uma greve se prolongue indefinidamente. Bem sabemos que os patrões deixam alongar a duração das greves na melhor boa fé, apenas com o intuito honesto e filantrópico de que os operários se rendam — pela fome. Mas às vezes quem perde são os patrões, porque os trabalhadores são sempre aqueles que não temem que per-

der. E nos raros casos em que aos reclamantes é dada resposta, esta vem brusca, maledicida, irritante, e consigna um indeferimento brutal. Estas coisas disparam mal os assalariados. Os operários pretendem em regra estabelecer negociações para demonstrar a sua razão, na mira de alcançar um acordo pacífico. Os patrões, a certa altura, fecham-lhes a porta na cara, com uma inconveniência, quando não é com um insulto. Daí a greve, como uma consequência inevitável. O calor das assembleias engendra as resoluções heróicas. A verdade é que os operários temem a greve e só para ela recorrem em última instância, quando a sua dignidade lhes não permite enveredar por outro caminho. Em cada cem greves, noventa pelo menos são da responsabilidade exclusiva do patronato. Os trabalhadores vão empurrados. E' a conduta dos patrões que os leva ao abandono do trabalho. Depois é que tomam posições.

As greves às vezes prolongam-

-se, parecem eternizar-se. Dis-

põem os patrões de fartos cabedais, arrancados ao esforçado labor dos produtores, e com esses cabedais só mantêm. Já o mesmo não sucede a quem trabalha. Esses, os que labutam, logo na primeira semana em que se vêem privados de férias vêm surgir perante eles o espetro hediondo da fame. Mas resistem. A sua resistência prolonga-se, prolonga-se, e atinge às vezes os limites do inverosímil. Os patrões não entendem. Que farão os operários? Baimarem-se, nunca! A sua entrega, além de humilhante, além de vergonhosa, comprometeria ainda o seu futuro. Mas imaginemos que esta matuta irredutibilidade estende o conflito por meses e trimestres, a pontos de exgotar os recursos últimos da facção operária. Que fazer então?

Já por várias vezes esta hipótese se tem verificado. E duas dessas podem acontecer nesta emergência: ou perder-se o movimento, voltando ao trabalho os que o tinham abandonado, nas condições anteriores, por mórda extrema falta de recursos, — ou tentar tomar a greve um novo aspecto, caracterizado por todo aquele imenso desespero dos que lutam por mais pão e passam fome. Já tem sido observado este último caso em diversos movimentos. Impacientam-se os grevistas que até certa época esperaram exclusivamente do tempo a solução do conflito. E lembram-se de que várias outras armas possuem os operários para resistir à exploração burguesa. As eclosões violentas não são raras neste caso...

Decididamente, o prolongamento exagerado duma greve traz séus perigos. A pressão da miséria, apercebendo os indivíduos, impele-os para as acções energéticas. Nunca é bom deixar que uma greve se prolongue indefinidamente. Bem sabemos que os patrões deixam alongar a duração das greves na melhor boa fé, apenas com o intuito honesto e filantrópico de que os operários se rendam — pela fome. Mas às vezes quem perde são os patrões, porque os trabalhadores são sempre aqueles que não temem que per-

der. E nos raros casos em que aos reclamantes é dada resposta, esta vem brusca, maledicida, irritante, e consigna um indeferimento brutal. Estas coisas disparam mal os assalariados. Os operários pretendem em regra estabelecer negociações para demonstrar a sua razão, na mira de alcançar um acordo pacífico. Os patrões, a certa altura, fecham-lhes a porta na cara, com uma inconveniência, quando não é com um insulto. Daí a greve, como uma consequência inevitável. O calor das assembleias engendra as resoluções heróicas. A verdade é que os operários temem a greve e só para ela recorrem em última instância, quando a sua dignidade lhes não permite enveredar por outro caminho. Em cada cem greves, noventa pelo menos são da responsabilidade exclusiva do patronato. Os trabalhadores vão empurrados. E' a conduta dos patrões que os leva ao abandono do trabalho. Depois é que tomam posições.

As greves às vezes prolongam-

-se, parecem eternizar-se. Dis-

põem os patrões de fartos cabedais, arrancados ao esforçado labor dos produtores, e com esses cabedais só mantêm. Já o mesmo não sucede a quem trabalha. Esses, os que labutam, logo na primeira semana em que se vêem privados de férias vêm surgir perante eles o espetro hediondo da fame. Mas resistem. A sua resistência prolonga-se, prolonga-se, e atinge às vezes os limites do inverosímil. Os patrões não entendem. Que farão os operários? Baimarem-se, nunca! A sua entrega, além de humilhante, além de vergonhosa, comprometeria ainda o seu futuro. Mas imaginemos que esta matuta irredutibilidade estende o conflito por meses e trimestres, a pontos de exgotar os recursos últimos da facção operária. Que fazer então?

Já por várias vezes esta hipótese se tem verificado. E duas dessas podem acontecer nesta emergência: ou perder-se o movimento, voltando ao trabalho os que o tinham abandonado, nas condições anteriores, por mórda extrema falta de recursos, — ou tentar tomar a greve um novo aspecto, caracterizado por todo aquele imenso desespero dos que lutam por mais pão e passam fome. Já tem sido observado este último caso em diversos movimentos. Impacientam-se os grevistas que até certa época esperaram exclusivamente do tempo a solução do conflito. E lembram-se de que várias outras armas possuem os operários para resistir à exploração burguesa. As eclosões violentas não são raras neste caso...

Decididamente, o prolongamento exagerado duma greve traz séus perigos. A pressão da miséria, apercebendo os indivíduos, impele-os para as acções energéticas. Nunca é bom deixar que uma greve se prolongue indefinidamente. Bem sabemos que os patrões deixam alongar a duração das greves na melhor boa fé, apenas com o intuito honesto e filantrópico de que os operários se rendam — pela fome. Mas às vezes quem perde são os patrões, porque os trabalhadores são sempre aqueles que não temem que per-

der. E nos raros casos em que aos reclamantes é dada resposta, esta vem brusca, maledicida, irritante, e consigna um indeferimento brutal. Estas coisas disparam mal os assalariados. Os operários pretendem em regra estabelecer negociações para demonstrar a sua razão, na mira de alcançar um acordo pacífico. Os patrões, a certa altura, fecham-lhes a porta na cara, com uma inconveniência, quando não é com um insulto. Daí a greve, como uma consequência inevitável. O calor das assembleias engendra as resoluções heróicas. A verdade é que os operários temem a greve e só para ela recorrem em última instância, quando a sua dignidade lhes não permite enveredar por outro caminho. Em cada cem greves, noventa pelo menos são da responsabilidade exclusiva do patronato. Os trabalhadores vão empurrados. E' a conduta dos patrões que os leva ao abandono do trabalho. Depois é que tomam posições.

As greves às vezes prolongam-

-se, parecem eternizar-se. Dis-

põem os patrões de fartos cabedais, arrancados ao esforçado labor dos produtores, e com esses cabedais só mantêm. Já o mesmo não sucede a quem trabalha. Esses, os que labutam, logo na primeira semana em que se vêem privados de férias vêm surgir perante eles o espetro hediondo da fame. Mas resistem. A sua resistência prolonga-se, prolonga-se, e atinge às vezes os limites do inverosímil. Os patrões não entendem. Que farão os operários? Baimarem-se, nunca! A sua entrega, além de humilhante, além de vergonhosa, comprometeria ainda o seu futuro. Mas imaginemos que esta matuta irredutibilidade estende o conflito por meses e trimestres, a pontos de exgotar os recursos últimos da facção operária. Que fazer então?

Já por várias vezes esta hipótese se tem verificado. E duas dessas podem acontecer nesta emergência: ou perder-se o movimento, voltando ao trabalho os que o tinham abandonado, nas condições anteriores, por mórda extrema falta de recursos, — ou tentar tomar a greve um novo aspecto, caracterizado por todo aquele imenso desespero dos que lutam por mais pão e passam fome. Já tem sido observado este último caso em diversos movimentos. Impacientam-se os grevistas que até certa época esperaram exclusivamente do tempo a solução do conflito. E lembram-se de que várias outras armas possuem os operários para resistir à exploração burguesa. As eclosões violentas não são raras neste caso...

Decididamente, o prolongamento exagerado duma greve traz séus perigos. A pressão da miséria, apercebendo os indivíduos, impele-os para as acções energéticas. Nunca é bom deixar que uma greve se prolongue indefinidamente. Bem sabemos que os patrões deixam alongar a duração das greves na melhor boa fé, apenas com o intuito honesto e filantrópico de que os operários se rendam — pela fome. Mas às vezes quem perde são os patrões, porque os trabalhadores são sempre aqueles que não temem que per-

der. E nos raros casos em que aos reclamantes é dada resposta, esta vem brusca, maledicida, irritante, e consigna um indeferimento brutal. Estas coisas disparam mal os assalariados. Os operários pretendem em regra estabelecer negociações para demonstrar a sua razão, na mira de alcançar um acordo pacífico. Os patrões, a certa altura, fecham-lhes a porta na cara, com uma inconveniência, quando não é com um insulto. Daí a greve, como uma consequência inevitável. O calor das assembleias engendra as resoluções heróicas. A verdade é que os operários temem a greve e só para ela recorrem em última instância, quando a sua dignidade lhes não permite enveredar por outro caminho. Em cada cem greves, noventa pelo menos são da responsabilidade exclusiva do patronato. Os trabalhadores vão empurrados. E' a conduta dos patrões que os leva ao abandono do trabalho. Depois é que tomam posições.

As greves às vezes prolongam-

-se, parecem eternizar-se. Dis-

põem os patrões de fartos cabedais, arrancados ao esforçado labor dos produtores, e com esses cabedais só mantêm. Já o mesmo não sucede a quem trabalha. Esses, os que labutam, logo na primeira semana em que se vêem privados de férias vêm surgir perante eles o espetro hediondo da fame. Mas resistem. A sua resistência prolonga-se, prolonga-se, e atinge às vezes os limites do inverosímil. Os patrões não entendem. Que farão os operários? Baimarem-se, nunca! A sua entrega, além de humilhante, além de vergonhosa, comprometeria ainda o seu futuro. Mas imaginemos que esta matuta irredutibilidade estende o conflito por meses e trimestres, a pontos de exgotar os recursos últimos da facção operária. Que fazer então?

Já por várias vezes esta hipótese se tem verificado. E duas dessas podem acontecer nesta emergência: ou perder-se o movimento, voltando ao trabalho os que o tinham abandonado, nas condições anteriores, por mórda extrema falta de recursos, — ou tentar tomar a greve um novo aspecto, caracterizado por todo aquele imenso desespero dos que lutam por mais pão e passam fome. Já tem sido observado este último caso em diversos movimentos. Impacientam-se os grevistas que até certa época esperaram exclusivamente do tempo a solução do conflito. E lembram-se de que várias outras armas possuem os operários para resistir à exploração burguesa. As eclosões violentas não são raras neste caso...

Decididamente, o prolongamento exagerado duma greve traz séus perigos. A pressão da miséria, apercebendo os indivíduos, impele-os para as acções energéticas. Nunca é bom deixar que uma greve se prolongue indefinidamente. Bem sabemos que os patrões deixam alongar a duração das greves na melhor boa fé, apenas com o intuito honesto e filantrópico de que os operários se rendam — pela fome. Mas às vezes quem perde são os patrões, porque os trabalhadores são sempre aqueles que não temem que per-

der. E nos raros casos em que aos reclamantes é dada resposta, esta vem brusca, maledicida, irritante, e consigna um indeferimento brutal. Estas coisas disparam mal os assalariados. Os operários pretendem em regra estabelecer negociações para demonstrar a sua razão, na mira de alcançar um acordo pacífico. Os patrões, a certa altura, fecham-lhes a porta na cara, com uma inconveniência, quando não é com um insulto. Daí a greve, como uma consequência inevitável. O calor das assembleias engendra as resoluções heróicas. A verdade é que os operários temem a greve e só para ela recorrem em última instância, quando a sua dignidade lhes não permite enveredar por outro caminho. Em cada cem greves, noventa pelo menos são da responsabilidade exclusiva do patronato. Os trabalhadores vão empurrados. E' a conduta dos patrões que os leva ao abandono do trabalho. Depois é que tomam posições.

As greves às vezes prolongam-

-se, parecem eternizar-se. Dis-

põem os patrões de fartos cabedais, arrancados ao esforçado labor dos produtores, e com esses cabedais só mantêm. Já o mesmo não sucede a quem trabalha. Esses, os que labutam, logo na primeira semana em que se vêem privados de férias vêm surgir perante eles o espetro hediondo da fame. Mas resistem. A sua resistência prolonga-se, prolonga-se, e atinge às vezes os limites do inverosímil. Os patrões não entendem. Que farão os operários? Baimarem-se, nunca! A sua entrega, além de humilhante, além de vergonhosa, comprometeria ainda o seu futuro. Mas imaginemos que esta matuta irredutibilidade estende o conflito por meses e trimestres, a pontos de exgotar os recursos últimos da facção operária. Que fazer então?

Já por várias vezes esta hipótese se tem verificado. E duas dessas podem acontecer nesta emergência: ou perder-se o movimento, voltando ao trabalho os que o tinham abandonado, nas condições anteriores, por mórda extrema falta de recursos, — ou tentar tomar a greve um novo aspecto, caracterizado por todo aquele imenso desespero dos que lutam por mais pão e passam fome. Já tem sido observado este último caso em diversos movimentos. Impacientam-se os grevistas que até certa época esperaram exclusivamente do tempo a solução do conflito. E lembram-se de que várias outras armas possuem os operários para resistir à exploração burguesa. As eclosões violentas não são raras neste caso...

Decididamente, o prolongamento exagerado duma greve traz séus perigos. A pressão da miséria, apercebendo os indivíduos, impele-os para as acções energéticas. Nunca é bom deixar que uma greve se prolongue indefinidamente. Bem sabemos que os patrões deixam alongar a duração das greves na melhor boa fé, apenas com o intuito honesto e filantrópico de que os operários se rendam — pela fome. Mas às vezes quem perde são os patrões, porque os trabalhadores são sempre aqueles que não temem que per-

der. E nos raros casos em que aos reclamantes é dada resposta, esta vem brusca, maledicida, irritante, e consigna um indeferimento brutal. Estas coisas disparam mal os assalariados. Os operários pretendem em regra estabelecer negociações para demonstrar a sua razão, na mira de alcançar um acordo pacífico. Os patrões, a certa altura, fecham-lhes a porta na cara, com uma inconveniência, quando não é com um insulto. Daí a greve, como uma consequência inevitável. O calor das assembleias engendra as resoluções heróicas. A verdade é que os operários temem a greve e só para ela recorrem em última instância, quando a sua dignidade lhes não permite enveredar por outro caminho. Em cada cem greves, noventa pelo menos são da responsabilidade exclusiva do patronato. Os trabalhadores vão empurrados. E' a conduta dos patrões que os leva ao abandono do trabalho. Depois é que tomam posições.

As greves às vezes prolongam-

-se, parecem eternizar-se. Dis-

põem os patrões de fartos cabedais, arrancados ao esforçado labor dos produtores, e com esses cabedais só mantêm. Já o mesmo não sucede a quem trabalha. Esses, os que labutam, logo na primeira semana em que se vêem privados de férias vêm surgir perante eles o espetro hediondo da fame. Mas resistem. A sua resistência prolonga-se, prolonga-se, e atinge às vezes os limites do inverosímil. Os patrões não entendem. Que farão os operários? Baimarem-se, nunca! A sua entrega, além de humilhante, além de vergonhosa, comprometeria ainda o seu futuro. Mas imaginemos que esta matuta irredutibilidade estende o conflito por meses e trimestres, a pontos de exgotar os recursos últimos da facção operária. Que fazer então?

Já por várias vezes esta hipótese se tem verificado. E duas dessas podem acontecer nesta emergência: ou perder-se o movimento, voltando ao trabalho os que o tinham abandonado, nas condições anteriores, por mórda extrema falta de recursos, — ou tentar tomar a greve um novo aspecto, caracterizado por todo aquele imenso desespero dos que lutam por mais pão e passam fome. Já tem sido observado este último caso em diversos movimentos. Impacientam-se os grevistas que até certa época esperaram exclusivamente do tempo a solução do conflito. E lembram-se de que várias outras armas possuem os operários para resistir à exploração burguesa. As eclosões violentas não são raras neste caso...

Decididamente, o prolongamento exagerado duma greve traz séus perigos. A pressão da miséria, apercebendo os indivíduos, impele-os para as acções energéticas. Nunca é bom deixar que uma greve se prolongue indefinidamente. Bem sabemos que os patrões deixam alongar a duração das greves na melhor boa fé, apenas com o intuito honesto e filantrópico de que os oper

## Tribunal de Defesa Social

O JUÍGAMENTO DE MANUEL  
RAMOS FICOU ADIADO PARA  
... DEPOIS DE AMANHÃ ...

Conforme *A Batalha* noticiou, devia responder ontem, no Tribunal de Defesa Social, o operário pedreiro Manuel Ramos, argüido de detentor de explosivos.

Aberta a audiência e procedendo-se à chamada das testemunhas, verificou-se que faltavam duas de defesa, motivo por que o defensor do rei, dr. Alexandre de Albuquerque, requereu que fosse adiado o julgamento, marcando o juiz presidente nova audiência para sábado, às 12 horas.

Nas imediações do tribunal—que para em tudo seu singular ato funciona no quartel da Guarda republicana de Campolide—tinha duma força de polícia composta por um chefe, estavam consideráveis forças de infantaria e cavalaria da guarda, como se a existisse no quartel fosse insuficiente a... manter a Ordem. Dentro do edifício, numerosos polícias da segurança do estado, que desempenharam, de comêço, a democrática missão de apalpar as pessoas que iam assistir ao julgamento—um progresso sobre o sionismo, não acham?—que mais tarde agridiram que nós saímos, dois indivíduos que se propunham assistir ao julgamento, o que, além do mais, indica que as audiências só é lícito assistirem as pessoas que estão nas boas graças daquela tropa—outro progresso sobre os que foram assimilados não só pelo sionismo, mas também pela ominosa.

Mas isto não é tudo, portanto, segundo nos comunicou, em carta, Manuel Ramos, as duas testemunhas de defesa que não chegaram à sala do obsoleto tribunal foram impedidas de o fazer porque, reconhecidas por alguns dos servidores da segurança do Estado, por eles foram expulsas e ameaçadas, se porventura depusessem a favor do arguido!!! E se a terceira testemunha de defesa comparecesse na sala é porque não foi reconhecida pelos sujeitos.

Isto é tanto indigno, tan miseravelmente revoltante que chega a parecer inacreditável que possa suceder num país que está sob instituições semi-sindicalistas...

Na mesma carta nos diz Manuel Ramos—e folgamos de não registrar apenas actos degradantes—que foi tratado com a máxima consideração pelos soldados e oficiais da guarda republicana, acrescentando que o juiz-presidente do tribunal lhe dissera que no sábado responderá mesmo que não compareçam as testemunhas!

Vermos-se, conhecedor do que nómimos, diligenciaram que elas não sejam impedidas violentamente de depor.

Esperei Manuel Ramos que as suas testemunhas sigam, no próximo sábado, para o tribunal acompanhadas do seu advogado, o que achamos bem, para que o defensor do arguido fique habilitado a conhecer pessoalmente dos casos que expomos e que bem podem repetir-se.

## União dos Sindicatos Operários

### Comissão Administrativa

Na sua reunião ordinária, antecipada, apreciou diverso expediente, entre os ofícios dos seguintes sindicatos: Pessoal Extraordinário dos Tabacos, Descarregadores da Mar e Terra e Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, que tiveram o devido despacho.

Pelos representantes desta comissão a uma reunião dos mais activos elementos do pessoal da Câmara Municipal foi relatado o resultado da sua demarcação, entre os ofícios dos seguintes sindicatos: Pessoal Extraordinário dos Tabacos, Descarregadores da Mar e Terra e Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, que tiveram o devido despacho.

## A Rússia perante o capitalismo

O convite feito pelos soviets aos capitalistas europeus para exploração das riquezas russas

PARIS, 30.—O governo dos soviets convida o capitalismo estrangeiro a colonizar a Rússia.

A imprensa francesa noticiando que o governo dos soviets de Moscú elaborou um plano da divisão e de colonização sistemática na Rússia, e começou já a postos em execução, diz que todas as florestas susceptíveis de exploração e todas as minas russas serão entregues a estrangeiros privilegiados, contra a abertura de créditos nos seus países permitindo ao governo da Rússia satisfazer as suas necessidades de dinheiro.

Segundo um decreto de Lénine, os concessionários terão todas as garantias desejadas, tendo esta inovação tam contrária à doutrina comunista o fim de facilitar a intensificação da produção russa para uma melhoria de condições da própria Rússia e do mundo inteiro.

É interessante notar que este apelo ao capitalismo estrangeiro revela uma declaração de impotência por parte do governo russo de organizar a produção económica segundo os princípios comunistas. Na realidade isto pode ser também devido à necessidade urgente que o governo comunista tem de posuir créditos no estrangeiro para fazer compras e alimentar a sua vasta propaganda.

As reservas de ouro e de joias foram já delapidadas, e a Rússia conhece a necessidade segundo o conselho de sucessos e de alemães eminentes, nomeadamente de Krupp e de Hugo Stinnes de lançar nos mercados estrangeiros os seus produtos naturais e de fazer concessões, e assim já foi entregue a casa Krupp a exploração das grandes fábricas de armas e munições do Póuloff e do Dorkhinsky.

Segundo os cálculos do governo dos soviets o número das concessões conceder a capitalistas estrangeiros deve-se a 71, das quais 8 concessões de exploração de florestas na Rússia da Ásia, 30 concessões idênticas na Rússia da Europa, 19 concessões minerais e 14 concessões agrícolas.

As oito concessões florestais da Sibéria representam o território da extensão de uma vez e meia o território da França. Este imenso território é cortado por vias navegáveis e tem jazigos de platina, carvão, grafite e cobre.

A imprensa francesa diz que será naturalmente Hugo Stinnes o detentor desta concessão colossal e é evidente que as vantagens assim concedidas por o governo dos soviets a estrangeiros, com prejuízo do povo russo e dos principais credores da Rússia não poderão comprometer de qualquer forma o governo russo regularmente constituído que sucederá um dia à ditadura comunista. —Rádio.

## Ateneu Popular

Na reunião dos sócios deste organismo de ensino popular foi resolvido imprimir novamente actividade a esta instituição, para o que nomeou uma comissão constituida por Gil Gonçalves, António Machado e Teixeira Dantón, que da colaboração com os corpos gerentes, promoveu a inscrição de novos sócios, solicitando aos já inscritos para indicarem as suas moradas para a rua da Madalena, 225, 1.º, actual sede do Ateneu.

## Aviso aos emigrantes

O comissariado geral dos serviços de emigração forneceu à imprensa a seguinte nota:

Por comunicação do consulado geral de Portugal em Honduras (H. wai), sabe-se que os analfabetos não podem entrar naquele território, os empregados sem conhecimento de mandar, arreia ou outras que encontram-nos nas plantações com remuneracão incomparável com o custo da vida, pois os salários nessas plantações não se adaptam a operários brancos, mas sim a japoneses e chineses, cuja norma de vida e experiências de todos os ordens são bem maiores do que os do operário europeu.

## FEDERACÃO COOPERATIVA

Federado Nacional das Cooperativas. Reunião hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral do pessoal da Câmara Municipal foi realizada a sua ordem de serviço, na Aliança Cooperativa Industrial, discussão e votação de algumas proposições do estatuto.

DISCUSSÃO DA RELATÓRIA. Para apreciar os trabalhos a apresentar à assembleia geral, os delegados receberam, pelas 21 horas, os componentes desta comissão, a qual por esta forma lembra aos camaradas manufaturantes de artigos de viagem que foram eleitos para a comissão de melhoramentos e bônus de trabalho, a convocação de todos os possuidores das arcas e oficinas a virem prestar contas das respectivas cobranças.

CONVOCACÕES. Com a presença dos delegados dos serventes, mecânicos em madeira e escultores, Dr. despatchou a vários expedientes, tendo ficado resolvido o assunto para que a comissão escolar tinha sido convocada.

CONVOCACÕES. Compositores Tipográficos. Reunião hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral dos ofícios da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

S. U. MOBILIÁRIO. Comissão administrativa. Para apreciar os trabalhos a apresentar à assembleia geral, os delegados receberam, pelas 21 horas, os componentes desta comissão, a qual por esta forma lembra aos camaradas manufaturantes de artigos de viagem que foram eleitos para a comissão de melhoramentos e bônus de trabalho, a convocação de todos os possuidores das arcas e oficinas a virem prestar contas das respectivas cobranças.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

S. U. DE CONSTRUÇÃO CIVIL. Comissão administrativa. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas, em sua sede, Rua Antônio Maria Cardoso, 20, a comissão administrativa da Associação de Classe, passou a competência de todos os seus membros, às 19 horas.

CONVOCACÕES. Comissão de Construção Civil. Reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Federação das cooperativas,